

O meu avô António e as questões da Cidadania e Defesa

Pedro Pereira Leite (ACDN – 1054-12)

Celebram-se neste ano de 1914 os cem anos de início da Grande Guerra. Grande porque foi tremendamente mortífera. Ao longo de quatro longos anos uma extensa linha de trincheiras dividia uma Europa. Extensas áreas eram gaseadas enquanto as mortíferas metralhadoras dizimavam os afoitos assaltos. Foi também a primeira das duas guerras mundiais. Mundiais porque os cenários do conflito se alargaram para além das fronteiras inter-estados.

A participação de Portugal neste conflito apenas se efectivará em 1916. Em grande medida o que estava em causa eram as colónias africanas, alvo da cobiça anglo-britânica. A querela sobre a participação de Portugal nas campanhas da Flandres são um interessante tema da nossa história. A participação não foi unanime, verificando-se vários partidários da não participação. Entre os democratas e os unionistas várias foram as posições do governo, até que o ministério de Afonso Costa, em finais de 1915, dá início á preparação do Corpo Expedicionário Português (CEP) para a *Frente Occidental* onde “*nada de novo se passava*”¹.

Iniciada a preparação do CEP em Tancos e o arresto dos barcos alemães fundeados no Tejo levaram à declaração formal de guerra pelos alemães, uma guerra que já travavam nas margens do Cunene em Angola e em torno dos acessos ao mar em Moçambique. Em dezembro de 1916, os cerca de 55.000 homens iniciam o embarque para a Flandres. Entre esses homens embarcou o meu Avô António de Oliveira Pinto (1893-1939). Tinha 22 anos e ficou no sector de Neuve Chapelle, onde chegou em Fevereiro de 1917.

Das suas memórias, anos mais tarde contadas à sua filha Natália, lembrar o frio e a fome como dois dos tormentos que ele e os seus companheiros passavam. Algumas canções francesas, que a memória já varreu indicavam que nos tempos livres a guitarra e a músicas aliviavam o tormento de um Contingente mal equipado, sem armamento adequado e cuja rendição tardava. foi com esse ânimo que se enfrentou a ofensiva alemão de 9 de abril de 1918. Na “*B line*” terão morrido muitos homens. O intenso bombardeamento de 1500 bobcas de fogo aterrorizou os homens extenuados. A infantaria teutónica rompeu as fileiras dizimando 900 homens. Sete mil forem feitos prisioneiros. Muitos deles apenas regressariam a Portugal em novembro de 1918. Houve contudo atos de heroísmo e bravura que marcaram esse campo da batalha.



Ilustração 1 Feita em França a 2 de Fevereiro de 1918. António de Oliveira Pinto, ao centro, ladeado dos dois amigos Júlio e José. Feita como prova de amizade

¹ Eric Maria Remarque escreve em 1919 o romance “A Oeste nada de novo”, onde relata a experiencia de guerra nesta frente. O livro está publicado em Português pelas Publicações Europa América

O meu avô António foi aprisionado nesta batalha. Haveria contudo de se escapar. Na calada da noite esburaca a cerca do campo de prisioneiros e iludindo as sentinelas alemãs, escapa para a floresta. Escondido numa vereda embosca uma motorizada alemã, e rouba-lhe o uniforme. Fardado de boche escapa para as linhas aliadas, onde por pouco não será abatido. Esclarecida a situação regressará a Portugal com Gomes da Costa. No seu espólio trouxe o relógio de bolso do boche a quem tirara a farda. Foi dos que regressaram para contar estas memórias que agora se vai diluindo na memória da família. Para que não nos esqueçamos dos que padeceram em todas as vilas foram erigidos monumentos aos gloriosos combatentes da Flandres.



**Ilustração 2-
Relógio de bolso
furtado ao Soldado
Alemão**

Vem esta curiosa historieta sobre as memórias familiares a propósito da questão da cidadania e da defesa. Este meu avô, na sua época foi mobilizado. Tal como muitos jovens no seu tempo ingressaram nas fileiras militares para assumir o seu papel na defesa e segurança de todos nós. A questão que relevamos neste contexto é como é que hoje asseguramos a nossa defesa e segurança como cidadãos.

Nesse último século Portugal mobilizou os seus filhos, e agora também filhas para combater em diferentes cenários de guerra. De modos formal e informal combateu-se na guerra civil espanhola, em África e agora mais recentemente nos cenários do médio oriente, Ásia e Corno de África. Tudo cenários que se situam fora das fronteiras do país.



**Ilustração 3- Juramento de bandeira da 2ª Companhia 3º
Pelotão do Curso de Oficiais Milicianos. Mafra 23
setembro 1945**

Como sabemos, isso significa isso que boa parte das ameaças à nossa segurança se situam fora das clássicas dimensões das fronteiras territoriais. Ora se a segurança e a defesa tem estado assente na definição dum território, pensar a segurança e defesa num espaço mais dilatado implica repensar a sua geocultura. Qual é então essas nova geocultura portuguesa?

Como sabemos a República instituiu o Serviço Militar Obrigatório. Entre 1911, que passará a ser voluntário em 2003. Embora exclusivo para os homens, o SMO, contribuiu durante dezenas de anos para criar essa ideia de pertença a uma comunidade. Na adversidade cimentam-se as relações de aliança. Hoje a comunidade de pertença é mais ampla. Todavia o território da comunidade ainda existe e é vital para a sua sobrevivência. Não só é fundamental administrá-lo, como é necessário ter consciência da sua importância.

A questão que se nos coloca hoje como cidadãos é pois como é que asseguramos a consciência da pertença a uma comunidade e asseguramos o seu espaço. A multiplicidade de atores a a pertença a uma comunidade de valores dispensará o espaço de encontro da nossa comunidade. Entre a tradição dos velhos lugares de memória e a modernidade que enfrentamos a segurança e a defesa passa inevitavelmente pela consciência do encontro com o somos.